

FREDERICO MORAIS

1967

Entre a crise e a construção, Ivan Serpa optou por esta última. Ao invés da eternização do caos, no lugar de revelar, sempre, a dor do homem em suas desesperanças, preferiu refleti-lo nas suas melhores possibilidades e perspectivas otimistas. Artista construtivo, Ivan Serpa sempre acreditou - como Gabo, Albers, Max Bill e outros - que a arte é uma espécie de coordenação do mundo, criação de novas realidades. Num país e/ou continente onde tudo está por fazer, por construir, por concretar, a arte realista não é apenas aquela que narra, figurativamente, as realidades prosaicas do dia-a-dia, tampouco o agudo existir do homem e da sociedade que o contorna. Para definir-se como um realista - e ele o é - bastaria repetir o apelo de Cézanne: "quero realizar". O real está na base tanto do verbo quanto do adjetivo. Assim, mais do que cópia servil, mais ainda que a transformação do real, a arte é, para Serpa, verdadeiramente, construção da realidade. E foi isto que me dizia, recentemente, num domingo doméstico de seu atelier, no Méier: "Como artista construtivo, me considero um realista, melhor, minha arte acha-se intimamente ligada à realidade brasileira, que eu também estou criando".